

## Notas sobre ANA

1. Em *Onde vamos morar*, texto que os Artistas Unidos estrearam em 2008, comecei a tentar uma escrita que propunha outros diálogos, um diferente modo de falar em palco, uma tentativa que, segundo me convenci, merecia uma seqüela, uma segunda oportunidade. Tinha *Domingo*, um texto curto encomendado pelo projecto Urgências no Teatro Maria Matos, e aproveitei o convite que me foi feito pela Maison des écrivains étrangers et traducteurs de St. Nazaire (MEET), em França, de habitar essa cidade durante 8 a 12 semanas (uma “residência de escrita”), para, usando o que tinha como combustível, escrever nova peça que desde logo propus aos Artistas Unidos que encenassem em Portugal. Foi assim que nasceu *Ana*, entretanto publicado em França e com leituras encenadas em Nantes e St. Nazaire.

2. Em 2001 escrevi *T1*, peça que jogava com a ideia de espaço no teatro. Quatro apartamentos tornavam-se um só, uma transformação permitida pela palavra e não simulada cenograficamente. Com *Ana* quis jogar já não com o espaço, mas com o tempo. Quando falei desta ideia ao Jorge Silva Melo, falou-me ele de um quadro do Correggio - Leda e o Cisne, em que se conta o mito do primeiro ao último minuto. Numa tela, Correggio projecta diversas Ledas e Cisnes representando em simultâneo a aproximação, a violação e o voo. E o modo como o faz permite a leitura cronológica mas também podemos optar por ver três cisnes e três mulheres.

A linearidade temporal de um espectáculo torna, por um lado, esta tarefa da simultaneidade narrativa, para o escritor, mais difícil (impossível), por outro também, achei eu, abre ainda mais leituras e interpretações, dando lugar à confusão e à nebulosidade. E se o tempo da narrativa deixa de ser identificável, o tempo do espectáculo conquista o protagonismo. Apenas a ele nos podemos agarrar. O princípio e o fim do espectáculo. O tempo entre o abrir e o fechar da boca. Entre a primeira e a última frase.

3. Outro dos resultados desta ambição de escrita foi ter-me deparado com o facto de, não podendo o espectador identificar os vários tempos (o que aconteceu primeiro, o que depois? quem é este, quem aquele?), esta aparente ignorância em que se pode sentir, oferecer-lhe espaço para mais leituras do que as certezas e conhecimento permitem. A vida de Ana, protagonista de *Ana*, não é uma só vida. Podem ser muitas. E isto faz-me sempre lembrar os livros de infância, que se liam com dois dados, em que o leitor decidia para que página queria ir a seguir, construindo não apenas o destino do protagonista, mas também o seu próprio destino enquanto leitor.

4. Heiner Müller “elogiava” o teatro por ser a área da literatura onde podia dizer uma coisa e o seu oposto. Trata-se do lugar da alteridade, da possibilidade de diferentes pontos de vista sem que o autor se veja obrigado a assinar um só. Tem vozes diferentes que o permitem á escrita tornar-se polifónica. *Ana* abdica dessa suposta vantagem. Esta é uma história contada na primeira pessoa. É uma história com um narrador, um narrador incerto, em quem não podemos confiar, mas que é a única voz que podemos ouvir. Voz próxima do “homem da multidão” do conto de Poe, aquele que “não se deixa ler”, e filha desta afirmação que se ouve em *Baal*: “As histórias que se percebem é porque foram mal contadas.”

José Maria Vieira Mendes

## HISTORIAL

Os Artistas Unidos formaram-se a partir do grupo que estreou, em 1995, *António, um Rapaz de Lisboa* de Jorge Silva Melo. Foi com espectáculos de elenco numeroso, peças sobre o aqui e agora ou outras do passado explicitamente políticas, que se fizeram os primeiros tempos da companhia: *O Fim ou Tende Misericórdia de Nós*, *Prometeu* (de Jorge Silva Melo), *A Queda do Egoísta Johann Fatzer* de Brecht, *Coriolano* de Shakespeare. O seminário *Sem Deus nem Chefe*, realizado na Antiga Fábrica Mundet do Seixal, em que foram criadas cinco pequenas produções, cada uma coordenada por um actor que nela participava, serviu de ensaio para os dois anos e meio de trabalho n'A Capital / Teatro Paulo Claro, encerrada pela Câmara Municipal de Lisboa em 29 de Agosto de 2002. Nesse período intenso, a aposta foi na dramaturgia contemporânea: Sarah Kane, Gregory Motton, Jon Fosse, David Harrower, Mark O'Rowe, Xavier Durringer, Spiro Scimone, Jorge Silva Melo, José Maria Vieira Mendes, Rui Guilherme Lopes e Francisco Luís Parreira entre os portugueses. Escolheram-se clássicos: Melville, Kleist, Kafka, Beckett, Pinter. Foram trinta estreias, vários acolhimentos e co-produções, seminários, leituras encenadas (como as dedicadas ao teatro escocês e neerlandês, ou às obras de Sarah Kane, Arne Sierens, Antonio Onetti). Com o fecho d'A Capital, depois de apresentarem *Baal* de Brecht, os Artistas Unidos mudaram-se para o Teatro Taborda, onde estiveram até Junho de 2005. Ali revelaram autores como os Irmãos Presniakov, Anthony Neilson, Davide Enia, Jean-Luc Lagarce; insistiram em Pinter, Scimone, Judith Herzberg, Jon Fosse, José Maria Vieira Mendes; e lembraram Joe Orton e Jacques Prévert. Em 2006, e depois de terem renunciado à utilização do Teatro Taborda, os Artistas Unidos, estiveram instalados no Antigo Convento das Mónicas onde estrearam Antonio Tarantino, Juan Mayorga, Vieira Mendes e Gerardjan Rijnders, enquanto noutras salas apresentavam espectáculos de Judith Herzberg, Enda Walsh, Pier Paolo Pasolini, Jesper Halle, Miguel Castro Caldas. Além dos espectáculos e da produção de filmes, os Artistas Unidos organizaram exposições de Sofia Areal, Álvaro Lapa, Pedro Proença, Xana, Pedro Chorão, Miguel Ribeiro, Michael Biberstein, Ana Isabel Miranda Rodrigues, Sérgio Pombo, Barbara Lessing, Ana Vieira, Ângelo de Sousa, Manuel San Payo, Ivo.

---